

Memórias e experiências da seca no município da Chibia província da Huíla – Angola

Memories and experiences of the drought in the municipality of Chibia province of Huíla - Angola

Vandesse Mouzer Lopes Girão*

Elison Antonio Paim**

Palavras-chave:

Memórias e experiências

Seca

Pobreza

Migração

Resumo: A presente temática resulta de um estudo iniciado em 2019, fruto da estiagem que várias pessoas viveram na região Sul de Angola, propriamente no Município da Chibia, o mesmo culminou com o trabalho de pesquisa efectuado no âmbito da obtenção do grau de Mestre em Ensino de História de África no Instituto Superior de Ciências de Educação – ISCED Huíla. O Estudo teve como objectivo Registrar memórias e experiências de moradores rurais do Município da Chibia quanto aos modos de vida durante os períodos de seca, através dos resultados provenientes das entrevistas. Procuramos trabalhar directamente com aqueles intervenientes do processo de estiagem, ou seja, foram feitas várias entrevistas principalmente nas áreas mais afectadas pela estiagem, falamos com moradores rurais, autoridades administrativas e tradicionais. As entrevistas permitiram colher dados sobre o impacto socioeconómico, impacto na saúde das populações, as migrações e as políticas de resiliência usada pelo Governo e as populações para mitigar os impactos da seca. Com esse estudo foi possível perceber que as populações são bastante resilientes e tem conseguido de certa forma resistir a esse fenómeno, ainda assim, é necessário criar projectos que resultem na retenção em grande escala da água da chuva.

Keywords:

Memories and experiences

Drought

Poverty

Migration

Abstract: This theme results from a study started in 2019, as a result of the drought that several people experienced in the southern region of Angola, specifically in the Municipality of Chibia, which culminated in the research work carried out within the scope of obtaining the Master's degree in Teaching African History at the Higher Institute of Educational Sciences – ISCED Huíla. The Study aimed to record memories and experiences of rural residents of the Municipality of Chibia regarding their ways of life during periods of drought, through the results from the interviews. Looking at the nature and complexity of the research, and because there are few studies on the aforementioned topic, we sought to work directly with those involved in the drought process, that is, several interviews were carried out mainly in the areas most affected by the drought, we spoke with rural residents, administrative and traditional authorities. The interviews made it possible to collect data on the socioeconomic impact, impact on population health, migration and resilience policies used by the Government and populations to mitigate the impacts of the drought. With this study it was possible to understand that the populations are quite resilient and have somehow managed to resist this phenomenon, even so, it is necessary to create projects that result in the large-scale retention of rainwater.

Recebido em 31 de março de 2025. Aprovado em 19 de maio de 2025.

* Professor de Profissão, formado na Escola de Formação de Professores. Professor de História no Colégio nº 457 Comandante Gika - Chibia, actualmente exerce a função de Director Geral da mesma instituição. Mestre em Ensino de História de África no Instituto Superior de Ciências da Educação – ISCED da província da Huíla, Angola, Professor Colaborador do Instituto Superior Politécnico Sinodal, Salas de Extensão dos Gambos. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-4284-2379> E-mail: vendesse@live.com.

** Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Convênio UFSC e Universidade Nacional Timor Lorosa'e. Membro do Conselho Científico do Mestrado em Ensino de História de África do ISCED- Huíla – Angola. Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. Membro da Cátedra Antonieta de Barros de combate ao racismo UFSC-UNESCO. Membro da Rede Latino Americana de Diálogos Decoloniais e Interculturais (Redyala) e dos grupos de pesquisa Pameduc (UFSC), Rastros (USF) e Kairós (UNICAMP). <https://orcid.org/0000-0002-7509-5572> E-mail: elison0406@gmail.com.

Introdução

Devido ao cenário de estiagem que tem vindo a assolar a região Sul de Angola nos últimos anos, cujo período mais crítico compreende os anos de 2018 a 2022, e porque tivemos sempre contacto com as comunidades rurais, urgiu a necessidade de estudar com maior profundidade a questão da seca na Chibia, assim fomos ao encontro de pessoas que tem sofrido directamente com esse fenómeno. Realizamos várias entrevistas no âmbito do projecto de dissertação sobre o Impacto da Seca no Quotidiano das Populações Rurais do Município da Chibia. Uma Análise Histórica, foi produzido junto ao Mestrado em Ensino de História de África no Instituto Superior de Ciências de Educação – ISCED HÚILA. Para uma melhor compreensão, procuramos trabalhar em todas as comunas do Município da Chibia.

A metodologia utilizada para elaborar o presente artigo é de carácter qualitativo, com recurso a entrevista oral feita a cada um dos intervenientes chamados aqui para narrar sobre a temática em estudo. *Para o seu sucesso apoiamo-nos no método bibliográfico, comparativo e histórico-lógico, foi igualmente utilizada a fotografia e as entrevistas orais com vários intervenientes, desde administradores comunais, professores, autoridades tradicionais e alguns moradores. Nessa perspectiva*, Delgado (2006), sublinha que, a História oral é uma excelente metodologia, destinada a produção de narrativas como fontes de conhecimento, mas fundamentalmente do saber, pois é uma grande experiência por meio da qual se partilham diversas memórias, permite ao indivíduo a capacidade de fala, escuta e troca de opiniões, uma vez que não se vive em plenitude sem se ter a possibilidade de escutar, de contar histórias ou de aprender algo por meio de um conteúdo narrado.

A História oral trabalha fundamentalmente com as narrativas orais como ferramentas. Tem sido utilizada não apenas para estudos de políticas públicas implementadas pelo Estado, como também para a recuperação da trajectória dos grupos excluídos. As narrativas orais não servem apenas para objectivos académicos, elas podem ser utilizadas como instrumento de construção de identidade,

permitindo uma relação entre a memória e a História (Ferreira, 2002).

As pessoas aqui chamadas para prestar o seu depoimento sobre a seca no Município da Chibia, foram seleccionadas conforme a realidade, umas por terem vivido directamente os efeitos da seca, pessoas que perderam entes queridos por causa da fome causada pela ausência de alimentos, outros foram seleccionados por causa do seu envolvimento directo na busca de soluções para mitigar o problema da estiagem.

As entrevistas nas comunidades foram feitas em casa dos entrevistados, onde de certa forma permitiu que decorressem num ambiente calmo e confortável, permitindo obter dados positivos sobre a estiagem e deixando as pessoas mais a vontade para narrar tudo o que realmente foi vivido durante os períodos de seca. Muitos dos entrevistados são pessoas que não se comunicam na Língua Portuguesa, e para tal, foi necessário socorrer-se a alguns amigos que falam fluentemente a Língua Nhaneka, sem se esquecer de que foi fundamental gravar todas as narrativas.

É importante referenciar que a memória não pode ser entendida apenas como um depósito de factos, mas sim como um procedimento activo de criação de significados. O historiador tem as narrativas orais como um veículo bastante importante não apenas na sua qualidade de preservar o passado como também nas poucas mudanças que a própria memória vai forjando. Assim, para dar vida e colocar a entrevista e a narração no seu devido contexto histórico, o narrador precisa fazer um esforço enorme naquilo que é a construção dos acontecimentos para dar sentido as suas vidas (Portelli, 1997).

Segundo o filósofo alemão Walter Benjamin, no processo de rememoração reconstruímos o vivido por nós ou por aqueles que nos antecederam. Este processo é acionado por dimensões conscientes e inconscientes despertadas no presente de quem rememora. O filósofo preocupa-se com a forma como ocorrem as narrativas, porque o papel do narrador, como elemento unificador das comunidades, perdeu-se. A fonte das narrativas deve ser “[...] a experiência que passa de pessoa a pessoa, a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos

se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (Benjamin, 1994, p. 198).

Memórias, na acepção de Benjamin (1994), são plenas de conhecimentos e de sensibilidades, relacionam-se com o vivido. Memória é também esquecimento, apaziguamento com o passado. A (re)memória é sempre relacionada com o presente, já que é um entrecruzamento de tempos, espaços, vozes. É uma memória que não é só racional, é de um sujeito inteiro. Memória é vida, possibilidade da experiência vivida.

O historiador inglês Edward Palmer Thompson propõe pensarmos a sociedade por meio das experiências. Para ele, “homens e mulheres experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades” (Thompson, 1981, p. 182). Nesse sentido, para que possamos compreender o fenômeno da seca na Chibia precisamos considerar os sujeitos que viveram a seca junto com eles, com as experiências, levando-se em consideração o que pensam, como viveram, quais experiências têm para contar, quais práticas cotidianas realizaram.

Walter Benjamin novamente nos fornece ferramentas para pensarmos as experiências vividas. Ao propor trabalharmos com as experiências, estas devem tornar-se comunicáveis; por isso refere-se a “Pobreza de experiência: não se deve imaginar que os homens aspirem a novas experiências. Não, eles aspiram a libertar-se de toda experiência, aspiram a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza externa e interna” (Benjamin, 1994, p. 118).

Benjamim preocupa-se com a forma como ocorrem as narrativas, porque o papel de narrador como elemento unificador das comunidades perdeu-se. A fonte das narrativas deve ser “a experiência que passa de pessoa a pessoa, a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais, contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (Benjamin, 1994, p. 198).

Neste artigo trazemos alguns aspectos apresentados na dissertação de mestrado, nomeadamente no segundo capítulo, abordamos

aspectos relacionados com o impacto socioeconómico da seca e pobreza derivada da mesma. Foi fundamental analisar o impacto da seca na saúde das populações, bem como a obrigatoriedade das migrações e as políticas de resiliência usada pelo Governo e as populações para mitigar os impactos da seca.

Impactos socioeconômicos e pobreza

As populações afectadas pela seca têm-se deparado com várias questões, isso porque o impacto da seca é abrangente e pode afectar os estoques de alimentos e sementes, o que agrava de certa forma os níveis de pobreza e aumenta a vulnerabilidade. As estratégias para enfrentar essa realidade dependem da sensibilidade e do grau de responsabilidade do poder público de cada país para com o bem-estar de seus cidadãos (Bonga, 2016, p.23).

A produção feita pelas comunidades rurais tem como objectivo primário o autoconsumo, o excedente da produção projectada é vendido para se ter acesso aos bens que não existem, como por exemplo, o vestuário, o arroz, o óleo, o sabão e outras necessidades que o campo não pode oferecer. Não produzindo é claro que eles não terão o excedente para ir ao mercado fazer a venda e por via da venda trazer consigo os bens de que necessitam para puder satisfazer outras necessidades pontuais.

De acordo com o agricultor Rafael Calapato (entrevistado no dia 05 de Setembro de 2023) compartilhou sua preocupação, analisando que os níveis de pobreza existem em função da capacidade produtiva da população, essa população esta directamente ligada ao campo, e em função dos fenómenos que temos estado a assistir os níveis de pobreza vão acentuando-se. Os recursos das populações rurais são os produtos produzidos no campo, bem como a criação de animais, os quais são usados na venda e troca por outros bens, e a sua ausência implica o aumento da pobreza.

A mais importante fonte de receitas das populações rurais é a venda de gado bovino quando necessária. Mas existem também outras que têm sido muito vulgares como por exemplo a comercialização de cabritos, galinhas, suínos, lenha e carvão. Já os

indivíduos mais poderosos em termos de criação de gado, fundamentalmente bovino, adquirem receitas através da venda do leite. Importa destacar que as populações rurais dificilmente vendem o seu gado bovino, salvo se existirem problemas familiares tais como, doença, morte, fome ou ainda em casos de festas de puberdade, como o *efiko* ou *ekuendje*, e também quando os animais se encontram com a saúde debilitada (PDNA, 2016, p.23).

Pela forma como a seca afectou a vida das populações, lamentavelmente é preciso dizer que as populações rurais e não só, se tornaram mais pobres, e a medida que o fenómeno foi se prolongando a situação piorou, tal como narra Rafael Calapato (entrevistado no dia 08 de Novembro de 2023):

Economicamente a seca reduz a capacidade financeira das populações rurais, por outro lado, na região da Chibia as populações rurais têm como sua principal riqueza tal como já se fez menção o gado, para além de se olhar este na perspectiva de representação cultural é também um bem económico. Porque quando existe a necessidade de se fazer as festas tradicionais como o *Efiko*, o *Ekuendje*, são mortos alguns bois e até mesmo em problemas como um óbito, é desses animais que se socorrem para puderem vender e consequentemente usarem esse dinheiro na resolução do problema. Então com a seca vivencia-se a morte de muitos animais, portanto o criador fica privado desses meios de garantia económica por causa da seca tornando as populações cada vez mais pobres.

Os efeitos da seca no seio das populações rurais são maiores por causa da falta de capacidade das famílias em termos de meios de armazenamento de alimentos e água que lhes podiam sustentar nas épocas de seca ou estiagem. No entanto, a ausência de infraestruturas apropriadas tem provocado muitas vezes, prejuízos a actividade agrícola e pecuária, e ainda fortes danos sociais, económicos e ambientais (Sousa, 2008, p.70).

Para mitigar a vulnerabilidade e a pobreza extrema, o executivo angolano com o apoio do Banco Mundial criou o programa *Kwenda* que é tutelado pelo Fundo de Apoio Social (FAS), o mesmo já se encontra em fase de implementação e tem como foco apoiar as famílias mais vulneráveis. O programa consiste em transferir valores monetários

às famílias mais afectadas pela seca em todas as comunas do Município da Chibia.

Consideram-se como impactos directos da seca os efeitos sociais, e as condutas humanas em dar solução a seca consideram-se como impacto indirecto da seca. O entendimento apropriado dos impactos sociais exige uma investigação das maneiras de como a seca afectou os recursos de sobrevivência. Por isso, é que as populações começaram a fabricar e a comercializar o carvão, muitas famílias encontraram no fabrico de carvão o seu sustento, mas que esse consiste no abate de árvores que tem muitas implicações no processo de formação das chuvas. Além da venda de carvão muitos têm passado mais tempo nas praças, vendendo o pouco mantimento que possuem, tornando-os ainda mais vulneráveis. Essa prática de fabrico e venda de carvão, tem sido mais frequente na comuna da Quihita e na comuna Sede, muitos mudaram-se ao longo das principais vias, ou seja, estradas principais, pois aí a venda tem sido mais rentável (Coelho, 2020, p.18).

A seca acarreta graves consequências económicas, as populações precisam de vários apoios do Estado e não só, com a seca que tem sido recorrente, as populações tornaram-se ainda mais pobres, perderam muito gado, e a pouca semente que tinham acabaram por comer. Pois, o apelo é no sentido de o Estado dar mais apoios com charruas, sementes e até mesmo bois, porque nem todos têm animais para ajudar no cultivo da terra.

O PDNA (2016, p.12), revela que são vários os relatos que certificam a subida do número de casos de abandono escolar e uma grande desistência dos educandos por causa dos efeitos da seca, como a fome e a ausência de água, a submissão da mão de obra infantil em acarretar água a longos quilómetros de distância, o êxodo rural, a procura de melhores condições de pasto (transumância), e em alguns casos, algumas escolas encerraram na sua totalidade por falta de alunos.

A seca também tem causado desemprego no seio das populações rurais principalmente naquelas pessoas que trabalham em algumas fazendas, apesar de algumas fazendas terem furos de água, os mesmos dependem da abundância das águas no subsolo que são resultantes das quedas pluviométricas, sendo assim, quanto menos chove o lençol freático seca, e cria problemas, então muitos empregadores que

tinham consigo muita mão de obra, acabaram por dispensar vários trabalhadores atirando-os no desemprego, ficando sem ter como sustentar as suas famílias tornando-lhes vulneráveis.

É lamentável o que tem acontecido como resultado da seca, e será muito difícil recuperar aquilo que se perdeu, tal como Caviau Kulia desabafou (entrevistado no dia 20 de Setembro de 2023):

Não será fácil para as populações rurais se recuperarem dos efeitos negativos da seca, visto que esse fenómeno reduziu a capacidade das famílias rurais, os criadores de gado perderam muitos animais e esse mesmo gado era utilizado para puxar as charruas no trabalho do campo, vejamos por exemplo que, em aproximadamente um ano de seca alguém perdeu 10 bois, para esse criador recuperar esses bois não será possível em 5 anos, vai ser em mais tempo, logo o nível de vulnerabilidade vai aumentar. Existem famílias que tinham alguns animais e durante a seca perderam tudo, logo será uma missão bastante difícil recuperar esse rebanho, e como se não bastasse trata-se de um fenómeno cíclico e com contornos cada vez mais alarmantes.

A seca afecta mais o gado bovino, visto que os criadores têm encontrado enormes complexidades no acesso as zonas de pasto, e na fase de estiagem os danos económicos repetem-se quase sempre, sobretudo a morte de muitos animais por causa da ausência de água e de áreas de pastagem. Por outro lado, a ausência de represas também tem dificultado o normal desenvolvimento das manadas mesmo em tempos normais das quedas pluviométricas (Sousa *et al.*, 2008, p.73/74).

Impactos da seca na saúde e bem-estar

A existência de elevadas temperaturas facilita o aumento do número de doenças típicas do verão como por exemplo a malária. Dados meteorológicos preveem que no futuro em Angola haverá um clima mais quente e húmido até mesmo naquelas regiões com mais de 1500 metros de altitude onde há menor probabilidade de se contrair enfermidades, assim, a ocorrência de casos de malária será mais frequente¹.

Por outro lado, segundo o PDNA (2012-2016, p.52) em Angola os casos de malária subiram 76% no ano 2015, pois em várias regiões de Angola as condições higiénicas são extremamente precárias, por causa do mau hábito generalizado das populações defecarem ao ar livre, a insuficiência de água e ainda a falta de práticas de higiene pessoal e domiciliar, que têm se reflectido na subida de casos de malária, diarreia, sarampo e doenças respiratórias.

A gravidade das secas tem cada vez mais fortes repercussões no que concerne a saúde dos habitantes especialmente os mais vulneráveis. As populações indefesas mais afectadas pelos efeitos negativos da seca são: famílias ou indivíduos com baixo poder financeiro ou económico, famílias que têm como base de subsistência a produção de alimentos, indivíduos que apresentam sérios problemas de saúde, velhos, senhoras grávidas, crianças, sobretudo aquelas com idades inferiores a cinco anos, indivíduos que habitam em regiões longínquas, abrangendo ainda povos indígenas, ou que não têm acesso aos meios básicos como por exemplo os serviços de saúde, alimento e água (Sena & Barcellos, 2019, p.22).

Todavia, para o senhor Tchipungo Tchayambi (entrevistado no dia 20 de Setembro de 2023), a falta de água é porta de entrada de doenças, se não tens água não tens saneamento básico, se não tens água não tens alimentos, e o alimento é o catalisador da existência da manutenção de uma boa saúde, não havendo água obviamente as doenças surgem, os índices de enfermidade aumentam, tais como, o problema da sarna, diarreia, e a má nutrição por falta de alimentos saudáveis. Isso de certa forma torna mais difícil o normal funcionamento dos serviços de saúde que não param de funcionar apesar das imensas dificuldades em termos de assistência médica e medicamentosa incluindo os números excessivos de casos de doenças. As pessoas são atendidas consoante as condições dos serviços de saúde, que registam casos muito sérios de má nutrição um pouco por todo o município, mas com bastante realce na comuna do Jau, esses casos resultam fundamentalmente por causa da fome.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2015, p.15), os efeitos da seca para a saúde dos seres humanos são vários. Muitos deles se manifestam de forma directa, e podem ser sentidos a

curto prazo tais como, as doenças infecciosas gastrointestinais. Por outro lado, alguns efeitos da seca são indirectos e com manifestação a longo prazo, várias vezes sentidos alguns meses ou anos após ter ocorrido o evento, como por exemplo as doenças mentais e a desnutrição.

Ainda sobre este diapasão Vivas (2011, p.32), salienta que ao “nível da saúde pública, os efeitos da seca poderão provocar igualmente casos extremos relacionados a disseminação de doenças infecciosas sobretudo as diarreias ou a cólera, que resultam da deterioração das propriedades da água por causa da insuficiência dos meios que permitem a diluição das substâncias poluidoras”.

Segundo os dados fornecidos pela Direcção Municipal da Saúde da Chibia, no município da Chibia particularmente na comuna do Jau, a taxa de malnutrição aguda em crianças menores de 5 anos de idade foi cerca de 24,5% da população total, por isso, o Gabinete Provincial de Saúde da Huíla, o Departamento Provincial de Saúde Pública e Controlo de Endemias acharam conveniente a necessidade de reforçar as actividades de campo para o rastreio de crianças com idades inferiores a 5 anos, com o objectivo de identificá-las, controlá-las e prestar o devido acompanhamento no sentido de se evitar o agravamento de casos².

Porém, a seca contribui bastante na desnutrição, quer seja, para crianças e adultos, ao desenvolver-se essa doença, o organismo torna-se frágil permitindo a entrada de várias doenças, como a diarreia, a parasitose intestinal, falta de respiração e doenças renais. Na comuna do Jau para Rosalina Valente (entrevistada no dia 18 de Outubro de 2023) essa situação foi realmente muito crítica, assistiu-se um número elevado de crianças e adultos com problemas de desnutrição. Mas com os apoios prestados pelo Estado e seus parceiros foi possível criar uma cozinha comunitária no Jau que permitiu minimizar tal situação, onde cerca de 900 crianças foram assistidas com pelo menos duas refeições por dia.

De acordo com a situação epidemiológica do município da Chibia em relação a desnutrição, verificou-se uma considerável subida de casos com notificação de óbitos, o que permitiu ao município ficar em situação de controlo e alerta máxima, principalmente a partir do mês de Junho do ano

2021, obrigando as autoridades a todos os níveis a envidarem esforços e concertação de estratégias diante de tal situação. Uma vez que a população da comuna do Jau é de 31.155 habitantes, e a franja de menores de 5 anos de idade situa-se na ordem de 4.904 habitantes que corresponde a 15.74%, e todos com fortes sinais de carência que exigem atenção redobrada³.

Um organismo mal alimentado é propenso a doenças, a alimentação contribui para a resistência do organismo a determinadas patologias, houve um surto de má nutrição na Chibia, o número de crianças e idosos que foram parar aos hospitais com diagnósticos de má nutrição foi elevado e levou a morte de muitas pessoas, esse quadro deve-se a fome, quando não nos alimentamos a morte é um facto.

Na sua observação sobre o actual estado dos hospitais, o agricultor Rafael Calapato (entrevistado no dia 05 de Setembro de 2023) realçou:

Os nossos centros de saúde nas comunas têm pouca capacidade de resposta para as nossas comunidades, a falta de fármacos e técnicos para diagnosticar as determinadas patologias que surgem no seio das populações, a pouca capacidade de resposta, não existem essas condições nos centros comunais, portanto, temos esse grande défice, adoecemos, vamos ao posto para encontrar salvação e no fim das contas não achamos nenhum resultado positivo.

De maneira geral, a diminuição do número de infraestruturas e equipamentos é resultado da forte crise económica que se vive no país e no mundo o que levou o governo a fazer alguns cortes no Orçamento Geral do Estado para a despesa pública. Tal situação contribuiu na ampliação da vulnerabilidade social das populações lesadas pela seca, na qual a questão da segurança alimentar e a nutrição têm merecido um sério acompanhamento e apoio adicional. Os últimos dados estimam cerca de 44.511 casos de subnutrição aguda e severos (SAS) assinalados nas três províncias mais afectadas pela seca no Sul do país desde Maio de 2016 (PDNA, 2012-2016, p.50).

Entre outras consequências da seca, para a Senhora Josefina Muetchicavela (entrevistada no dia 05 de Setembro de 2023), de maneira geral destacam-se:

O paludismo e a diarreia que se agudizam mais por serem doenças oportunistas que devido a falta de saneamento básico em algumas áreas acabaram surgindo e matando muita gente, a seca provoca migrações, várias pessoas abandonam as suas aldeias por falta de água, dirigindo-se para outras regiões.

Durante os períodos de seca na Chibia muitas pessoas acabaram mesmo por perder a vida, por causa da falta de alimentos causando a má nutrição severa e doenças anémicas. As pessoas socorreram-se de qualquer coisa para comer, foi o caso das raízes de uma árvore conhecida por “*mutunda*”, muitas pessoas alimentaram-se das raízes dessa planta e algumas não resistiram e acabaram mesmo por morrer por causa da forma de preparo, principalmente as crianças que sem experiência alguma preparavam e comiam as mesmas.

Graças ao apoio da *World Vision*, organização de carácter não-governamental Internacional, tem sido exequível trabalhar nas sociedades fortemente afectadas, pela seca com o objectivo de se levantar dados sobre os indivíduos afectados pela desnutrição. Esta organização tem feito trabalhos com parceiros não-governamentais e governamentais, com o intuito de combater o fenómeno da desnutrição severa que muito afecta principalmente milhares de crianças com idades inferiores a cinco anos. A partir do limiar de 2018 a *World Vision* começou a levar a cabo trabalhos que visavam monitorar o estado nutricional no seio da população fundamentalmente infantil, passando deste modo, a distribuir várias toneladas de alimentos terapêuticos no sentido de salvar milhares de crianças vítimas da desnutrição (Blanes, et al., 2022, p.36).

O trabalho de combate a desnutrição tem sido a grande luta dos serviços de saúde em momentos de seca, para tal, têm sido utilizadas várias técnicas que visam abrandar a situação, tais como: o reforço de trabalhos de rastreio com outros parceiros, a distribuição de desparasitantes e micronutrientes as crianças inferiores a 5 anos de idade, foram redobrados os sistemas de vigilância epidemiológica ligado ao problema da malnutrição em muitas unidades hospitalares das províncias mais afectadas. Foram promovidos ciclos de formação a

vários técnicos de saúde com vista a responderem aos vários casos de forma eficiente e eficaz, obtiveram conhecimentos de antropometria, isto é, rastrear e monitorar a altura e o peso dos indivíduos menores dos seis meses aos quatro anos e onze meses e vinte e nove dias, e ainda como já destacamos a instalação de cozinhas comunitárias em cada região fortemente assolada pela desnutrição onde também não faltava mensagens de sensibilização⁴.

Uma vez que os danos causados pela seca a saúde humana e não só são vários, é necessário que o ministério da saúde se organize cada vez mais, tendo um quadro de uma situação médica e medicamentosa adequada, que permita uma melhor actuação dos profissionais de saúde face as emergências de saúde pública ligada a enfermidades associadas a seca. É preciso saber que o fenómeno da seca não é uniforme pois, manifesta-se de diferentes maneiras em cada zona geográfica e igualmente as sociedades resolvem de formas desiguais tendo em conta o nível de vulnerabilidade e de resiliência (Organização Pan-Americana da Saúde, 2015, p.21).

Por outro lado, torna-se também necessário e urgente que as administrações municipais, através das Direcções Municipais de Saúde levem a conhecimento das populações sobre os vários riscos que a seca acarreta para a saúde humana e não só, incidindo no atraso do desenvolvimento humano. Devem igualmente informar sobre os factores que estão na base das vulnerabilidades sociais e ambientais nas diferentes regiões e sociedades e ao mesmo tempo as medidas que podem permitir mitigar os riscos da seca. Uma vez que, a aplicação de medidas de capacitação e adaptação e ainda a construção de planos de acções com a colaboração comunitária é fundamental para o aumento da resiliência, não só das sociedades locais, como também dos diferentes centros de saúde e da própria administração local (Sena & Barcellos, 2019, p.25/26).

Migração e deslocamento

A nível do município da Chibia a seca provocou não só migrações internas como também interprovinciais e até internacionais, pois assistiu-se um grande êxodo sem qualquer excepção, o Jau foi a

maior referência por terem-se deslocado em maior número para a sede da capital da província da Huíla, muitas crianças e respectivas mães migraram para o Lubango, já os jovens deslocaram-se para a província do Namibe a procura de trabalho nas fazendas, outros foram para Luanda onde tem uma empregabilidade maior sobretudo nas empresas chinesas, também vimos muitas famílias a saírem da Quihita em direcção ao Cunene e Namíbia, da Capunda Cavilongo dirigiram-se também a Luanda e Cunene, muitas dessas pessoas para sobreviverem dedicam-se a vários ofícios⁵.

Sobre a questão das migrações Sousa et al. (2008, p.76) refere que:

Diante de um ecossistema com baixo potencial produtivo e da falta de políticas públicas, crescem as limitações sociais (aumento da pobreza e da miséria social) e as famílias são obrigadas a migrarem para os centros urbanos. Durante os trabalhos de campo foram identificadas diversas casas abandonadas, as quais testemunham o êxodo rural.

As populações agropastoris, antes de migrarem procuram por todos os meios para contrapor os efeitos da seca nas suas zonas, assim muitas vezes conseguem mesmo algumas alternativas para enfrentarem a seca, sobrevivendo nas suas próprias terras. Mas quando os efeitos da seca atingem proporções alarmantes, ou seja, quando é prolongada e severa, as populações preferem migrar para os centros urbanos ou em outros locais onde haja melhores condições para a sua subsistência (De Nys et al., 2016, p.25).

Ainda sobre as migrações causadas pela seca, Muacahila (2017, p.135) acrescenta:

Quando os efeitos da seca são graves, tem sido comum observar-se migrações provisórias para regiões mais próximas, onde tenha água e haja condições para a actividade agrícola para a sustentação familiar. Por isso, nos anos 2016 á 2020 assistiu-se uma movimentação enorme de famílias da Chibia para outras paragens do país,

deixando para trás terras férteis para cultivar, suas residências e famílias, tornando o município menos povoado. Algumas dessas crianças tornaram-se pedintes vivendo nas ruas das cidades, e hoje sem qualquer vontade não têm intenção de regressar as zonas de origem, acostumaram-se a esse estilo de vida e continuam a viver em lugares impróprios, passando o dia nos mercados informais ganhando a vida vendendo produtos diversos desde (bolinhos, água, produtos do campo, vassouras e todo tipo de veneno de baratas e ratos), outros fazem trabalhos como de engraxador, lavador de carros, carregando mercadorias, e existem ainda aqueles que enveredaram pela delinquência.

Devido a fome hoje existem muitos *kimbos* abandonados nas localidades onde a seca atingiu de forma severa, as pessoas abandonaram as suas casas sem pensar duas vezes, dirigindo-se a várias direcções com um único propósito, isto é, o de sobreviver a fome. O trabalho feito no terreno permitiu saber que muitas pessoas que abandonaram as suas residências não pretendem regressar as suas zonas de origem. Vejamos que, de acordo com a senhora Hilimua Celina que durante o período de fome mudou-se para os arredores da praça da Halunhanha em companhia dos seus filhos (entrevistada no dia 30 de Setembro de 2023), salientou o seguinte:

Eu, saí do Jau em 2019 porque a situação não estava boa, passamos vários dias sem comer comida saudável, tínhamos que recolher no mato as folhas que nem sabíamos se aquilo se come, por isso decidimos sair de lá e nos dirigimos a essa área, viemos aqui porque nas praças tem sempre alguma coisa para recolher e comer, hoje trabalho aqui mesmo na praça, faço uns biscatos e assim conseguimos comida para viver. Me parece que já não vamos voltar mais no mato, aqui ainda que pouco, mas é possível conseguir comida e trabalho, lá no mato não deixamos mesmo nada, vamos só aguentar aqui mesmo.



Figura 1 – Kimbo abandonado pelos proprietários devido a seca.

Fonte: Vandesse. Fotografia tirada no dia 06 de Outubro de 2023, comuna da Quihita.

Em caso de fome quando se vive a dois, a tendência é de cada um salvar-se como pode, e numa relação em que tenha resultado filhos o marido nessas de cada um salva-se como pode, abandona o lar e sai a procura de qualquer tipo de trabalho, e do trabalho ter um retorno de alguma comida ou dinheiro. Assim, homens abandonaram as famílias, a mulher no caso fica com os filhos e sem ter o que comer.

Nessa perspectiva, assistiu-se por exemplo nas artérias da vila da Chibia, a movimentação de muitos homens a procura de trabalho, os mesmos deixaram as suas mulheres em casa porque estas por sua vez tiveram poucas opções de sair devido as crianças, apesar de que em alguns momentos foram vistas algumas mulheres a circularem com as referidas crianças.

Segundo Coelho (2020, p.34): “o movimento de pessoas em busca de água para o consumo humano e animal, zonas verdes para o gado, também contribui no aumento do número de abandono escolar”.

No município da Chibia, a constante prática de movimentação de famílias com o seu gado de uma região para a outra a procura de melhores condições de pasto (transumância), tem contribuído bastante para o aumento dos índices de abandono escolar, uma vez que este processo tem sido realizado de maneira cíclica, isto é, em todos os anos nos tempos da estiagem, obrigando os pais e encarregados de educação, a se movimentarem com os seus rebanhos, principalmente o gado bovino, a

procura de sítios que tenham requisitos necessários para a pastorícia, carregando deste modo os seus filhos em idade para frequentar a escola (Mário, 2020, p.25).

A seca obrigou algumas famílias ou membros principais da família, incluindo crianças e jovens, a se deslocarem a outras regiões a procura de emprego ou qualquer outra fonte de receita alternativa. No território da província da Huíla verificou-se um grande aumento do número de crianças com idade escolar a migrar para a vizinha província do Namibe em busca de qualquer tipo de trabalho principalmente em plantações agrícolas ou nas cidades em pequenos trabalhos informais. O efeito da seca na província da Huíla nos anos entre 2012-2015 teve um impacto muito forte nos municípios da Chibia, Quipungo, Gambos e Humpata, (PDNA, 2016, p.58).

Uma boa parte dos jovens acabou deslocando-se para outras paragens a procura de emprego nas fábricas, fazendas, obras e hortas, já as meninas têm estado a trabalhar em algumas casas que confeccionam algumas refeições, limpando e lavando a louça, vendendo nos mercados, muitas meninas têm sido vítimas de violações sexuais algumas até acabam por contrair o vírus da Sida. As crianças de 12 a 14 anos de idade são usadas para comercializar nas ruas alguns produtos de outras pessoas, tudo isso para poderem sobreviver a fome e o excedente que conseguem desses trabalhos, alguns deles repartem com as famílias que ficaram nas aldeias.

Hoje assiste-se algumas pessoas a regressar para casa, mas outras temendo, se calhar que o mesmo se repita, esses por receio já não querem voltar, e pelo tempo vão fazendo comparações de onde vivem hoje e de onde vieram, a facilidade de conseguir alguma coisa para comer ou dinheiro vai fazendo alguma confusão na cabeça e preferem mesmo ficar onde estão. Muitos adaptaram-se ao novo estilo de vida principalmente nas cidades.

Considerações finais

Este estudo foi sem qualquer dúvida uma grande missão, pois não foi fácil fazer com que certas pessoas se abrissem para narrar sobre as dificuldades atravessadas durante o período de estiagem, pudemos com isso conhecer a realidade vivida, na maioria das vezes fomos consumidos pelo sentimento de sofrimento das populações, sentimo-nos arrepiados, foi uma experiência totalmente diferenciada. Os testemunhos são simplesmente tristes na medida em que cada um conta o que viveu e as consequências são visíveis.

É conveniente que se insira as comunidades nos processos de decisão, particularmente na implementação de políticas locais como construção de centros hospitalares e programas de água. Por mais rurais que as populações sejam, ainda assim devem ser tidas em conta. É fundamental ter em conta, que mesmo com tantas dificuldades é notório que o povo é bastante resiliente, com poucos meios colocados a sua disposição não foi capaz de abandonar na totalidade as suas terras, alguns desistiram e foram para outras paragens, mas outros continuaram firmes e puderam ultrapassar o sucedido.

Angola precisa buscar experiências no combate a seca em outros países, não somos os únicos a passar por esse problema, várias regiões do mundo vivem anualmente os mesmos problemas e têm conseguido de certa forma ultrapassar algumas dificuldades, por outra, é importante ouvir as experiências das comunidades locais de como combater a seca.

O investimento na retenção das águas deve continuar a merecer uma atenção especial do executivo no sentido de criar condições para a

retenção da água das chuvas fazendo com que dure mais tempo, permitindo a criação de hortas para a subsistência das populações, pois, só assim poderemos ultrapassar esse cenário de estiagem, diminuindo os índices de pobreza na região Sul de Angola, contribuindo para o bem estar das mesmas.

O processo de inserção das comunidades nos processos de decisão é encarado como uma boa aposta, eles conhecem melhor do que ninguém a realidade das suas comunidades, esse processo deve incidir sobretudo, na implementação de políticas locais como construção escolas, de centros hospitalares e programas de água. Por mais rurais que as populações sejam, ainda assim devem ser tidas em conta.

Angola precisa buscar experiências no combate a seca em outros países, não somos os únicos a passar por esse problema, várias regiões do mundo vivem anualmente os mesmos problemas e têm conseguido de certa forma ultrapassar algumas dificuldades, por outra, é importante ouvir as experiências das comunidades locais de como combater a seca.

Notas

- 1 CQNUAC (2011). Programa de Acção Nacional de Adaptação de Angola (PANA).
- 2 Informação da Direcção Municipal da Saúde da Chibia, sobre a desnutrição nas comunidades do Município da Chibia, Dezembro de 2021.
- 3 Informação da Direcção Municipal da Saúde da Chibia, sobre a desnutrição nas comunidades do município da Chibia, Dezembro de 2021.
- 4 Informação da Direcção Municipal da Saúde da Chibia, sobre a desnutrição nas comunidades do município da Chibia, Dezembro de 2021.
- 5 Governo Provincial da Huíla, Relatório sobre a Situação da Seca 2021.

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In: Magia e Técnica, Arte e Política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114-119.

BLANES, Ruy Llera; CARDOSO, Carolina; BAHU Helder; FORTUNA Cláudio. **Seca em Angola**. Ponto da Situação 2020-2021. Causas, Respostas e Soluções. Relatório de Pesquisa. Gotemburgo e Lubango: School of Global Studies & ISCED-Huíla, 2022.

BONGA, Jorge Yonuma Hotel. **Tecnologia para mitigação dos efeitos da seca na bacia hidrográfica do Rio Caculuar em Angola**. Lubango: ISCED, 2016.

COELHO, Emanuela Rodrigues dos Santos. **Eventos Climáticos Excepcionais de Seca Prolongada em Angola**. Avaliação de Necessidades Específicas de Operações de Emergência e Socorro. 2020. Dissertação (Mestrado em Gestão de Emergência e Socorro). Instituto Superior de Ciências da Informação e Administração, Luanda, 2020.

DE NYS, Erwin.; ENGLE, Nathan; MAGALHÃES, Antonio Rocha. **Secas no Brasil: Política e Gestão Proativas**. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos-CGEE, 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, Tempo, Identidades**. História Oral, 2006.

ENAC. **Estratégia Nacional para as Alterações Climáticas 2018-2030 Angola**, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, Tempo Presente e História Oral. **Topoi**, v. 3, n. 5 p. 314-332, 2002.

MUACAHILA, Alfredo Noré Saluanja. **Estratégia de desenvolvimento sustentável para as regiões secas do sul de Angola, bacia do rio Curoca**.

2017. Tese (Doutorado em Ciências e Engenharia do Ambiente). Universidade de Aveiro, 2017.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Atuação do Setor Saúde Frente a Situações de Seca**. Série Desenvolvimento Sustentável e Saúde 3. Brasília, 2015.

PDNA, **Seca em Angola, Governo de Angola**. 2012 – 2016.

PORTELLI, Alessandro. O Que Faz a História Oral Diferente. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 1997.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 14, p. 25–39, 1997.

SOUSA, Rômulo Ferreira; ALMEIDA, Maria José da Silva; LIMA, Francisco de Assis; SANTOS, André Luiz dos Vulnerabilidades e impactos socioeconômicos e ambientais em municípios do Cariri Paraibano. **Engenharia Ambiental**, v. 5, n. 3, p. 63–78, 2008.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIVAS, Eduardo Bruno de Freitas. **Avaliação e Gestão de Situações de Seca e Escassez: Aplicação ao Caso do Guadiana**. Tese (Doutorado em Engenharia Civil) Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto, 2011.